

ENTREVISTA // ALFREDO GASTAL

A maior preocupação do arquiteto é proteger o Lago Paranoá, garantindo a sua sobrevivência e a da cidade

ALINE FONSECA

DA EQUIPE DO CORREIO

O novo superintendente regional do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-DF), o arquiteto e urbanista Alfredo Gastal, 63 anos,

ainda nem tomou posse, mas já conseguiu uma vitória: juntamente com a direção nacional do Iphan, começa a pensar em uma sede definitiva para o instituto em Brasília. "Estamos sonhando com uma coisa que corresponda ao que deve ser o Iphan em Brasília: acessível ao povo, com exposições

que mostrem o que é Brasília, quem foi Lucio Costa e o que se pretendeu dessa cidade. E ter o nosso lugar de trabalho ao mesmo tempo", garantiu Gastal. Com a sede garantida, os 12 funcionários do órgão, que temiam as mudanças, podem trabalhar tranquilos. Morador da cidade desde 1968, o ur-

banista — formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e com doutorado em desenvolvimento urbano pela Universidade da Pensilvânia — nem pensava em assumir um cargo político como o que acabou de aceitar. Segundo ele, aceitou por Brasília. Bem-humorado, ele garante que a ci-

dade virou idéia fixa. "Agora penso em Brasília durante 24 horas por dia e um dos lugares de grande inspiração é o chuveiro", confidenciou.

A posse de Gastal está marcada para o dia 28. Até lá, porém, ele continua frequentando o Iphan "informalmente" para conhecer a realidade do instituto.

"Penso em Brasília 24 horas!"

Ricardo Labastier

CORREIO - Assumir este cargo é um desafio, numa cidade tombada, com problemas justamente de agressão ao projeto urbanístico de Lucio Costa?

ALFREDO GASTAL — É um cargo difícil, mas fascinante. Sobretudo pelo fato de ter morado metade da minha vida em Brasília. Sabe aquela coisa de relação sentimental com a cidade? Por enquanto estou em lua-de-mel absoluta com o Iphan, sei que não vai ser eterna. Tenho razoável senso de humor, estou em uma conjuntura em que desfruto da companhia das pessoas que trabalham comigo, o secretário-executivo, o presidente do Iphan, o ministro da Cultura. Estou direto conversando com o presidente do Iphan.

CORREIO - O que o senhor pretende fazer agora com a equipe que já está formada?

ALFREDO GASTAL — Temos uma equipe que pode render, que tem todos os elementos para ser eficiente. Por enquanto, houve momentos de aflição, porque eu não aparecia, mas agora está tranquilo.

CORREIO - Nos últimos 15 anos o senhor trabalhou com Gestão Ambiental, que problemas dessa natureza temos no DF?

ALFREDO GASTAL — Acho que um dos problemas mais sérios é a questão dos recursos hídricos. A ocupação dos mananciais. Por exemplo, temos uma visão do lago como se fosse uma coisa eterna, de que mesmo se não cuidarmos, ele vai ficar ali para sempre. Mas ele é um lago artificial, que depende dos recursos hídricos que estão na região do Entorno e de vários outros pontos do DF, portanto devem ser protegidos para a sobrevivência do lago e da cidade. Costumo dizer que se a gente não cuidar disso, daqui a 300 anos Brasília pode ficar como as ruínas maias. A lenda é que elas desapareceram de repente, mas uma catástrofe ambiental, por exemplo, pode provocar isso.

CORREIO - Qual é a sua visão de Brasília?

ALFREDO GASTAL — Considero Brasília uma cidade recém-nascida, que não tem nem meses em relação ao mundo. Portanto tem que ser tratada com muito carinho, não no sentido piegas da palavra. Cada um que vive aqui precisa ter uma postura de cuidar da cidade. Cada um de nós. A gente cuida da casa da gente, também precisamos cuidar



“

O IPHAN NÃO TEM QUE SER UM DOM QUIXOTE QUE VAI LUTAR POR TUDO, SOZINHO. A POPULAÇÃO PRECISA AJUDAR

”

do espaço onde vivemos. E quando a criança faz coisa errada, precisa levar um puxão de orelha, claro.

CORREIO - Quais são os principais problemas em Brasília?

ALFREDO GASTAL — Brasília tem os problemas que qualquer cidade do mundo tem ou teve em seu processo de desenvolvimento. Não se chegou a Washington (capital dos EUA) como hoje é, sem ter dor de cabeça. Washington deve ter tido centenas de empreendedores imobiliários sonhando em construir edifícios de 240 andares dentro da área da cidade. E não fazem, porque existe uma legislação que proíbe que se faça isso na capital do capitalismo, porque não se pode construir nada acima da cúpula do Congresso.

CORREIO - Aqui também temos leis para o tombamento e muitos não as obedecem...

ALFREDO GASTAL — Temos problemas típicos de qualquer cidade, mas temos um governo para essa cidade. O Iphan não é o governo da cidade, não é a prefeitura do Plano Piloto. O Iphan tem que trabalhar em parceria com o

governo da cidade, como se faz em Ouro Preto, São Luís. Essa é a busca.

CORREIO - Então como o Iphan pode agir?

ALFREDO GASTAL — De forma legal. Usar a lei para fazer cumprir determinadas coisas, quando se chega ao limite do absurdo. Mas seria muito melhor sentar e conversar com as pessoas. Moramos em uma capital tombada como Patrimônio Histórico da Humanidade, ninguém seria maluco de tomar uma coisa que não tivesse valor. Brasília é extremamente humana, ao contrário do que se diz. Humana inclusive nos seus defeitos pontuais. O Iphan não deve agir nesses problemas pontuais, que podem ser resolvidos pelo Código Urbanístico da cidade. O Iphan só deve interferir quando se ultrapassa o tombamento da cidade.

CORREIO - E a especulação imobiliária na cidade tombada?

ALFREDO GASTAL — Acho que temos vantagens. Os donos das maiores empresas do setor aqui são pessoas que cresceram em Brasília. Não acredito que queiram menos do que eu ou qual-

quer habitante para a cidade. Claro que eles têm interesses imobiliários, mas existem muitos outros espaços fora da área tombada. O governador fez uma proposta que resolveria isso, mas que ainda não analisei, mas é interessante.

CORREIO - Que proposta?

ALFREDO GASTAL — Ele está pensando em uma região metropolitana estendida. Criaria-se aí um espaço para a construção civil, uma série de outras alternativas, que permitiria a preservação do espaço tombado. Mas o tombamento só vai ser respeitado quando os habitantes se apropriarem da cidade. Esse é o grande ponto e é por aí que o Iphan tem que lutar. O Iphan não tem que ser um Dom Quixote que vai lutar por tudo, sozinho. A população precisa ajudar. Acho que o diálogo é o principal. Falta o hábito do diálogo na cidade, por que não mudarmos de hábito, de atitude?

CORREIO - O seu antecessor, o professor Cláudio Queiroz, gostava de tratar dos pequenos detalhes do tombamento. A sua política vai ser diferente?

ALFREDO GASTAL — O Cláudio tem

uma visão que acho grandiosa. Uma das propostas, por exemplo, que acho fantástica, mas poética, é o tombamento do céu de Brasília. O Queiroz tinha uma outra visão do conceito de preservação, mas é muito rica e de quem vive o dia-a-dia da cidade.

CORREIO - Qual é a sua visão de preservação?

ALFREDO GASTAL — O Iphan não pode ser diferente do que sempre foi. A função dele é preservar o Plano Piloto. Temos tantas coisas pela frente para fazer, que ficar com picuinhas como "aquele azulejo está fora do lugar". Hoje, eu pessoalmente, penso que tenho que escutar o Iphan nacional, o Ministério da Cultura, a população, o Executivo, o Legislativo, o IAB. Enfim, tenho que escutar todo mundo. E isto vai me levar à loucura, certamente, mas não tenho nenhuma pretensão de que posso impor qualquer coisa.

CORREIO - Os problemas estruturais do Iphan não vão atrapalhar?

ALFREDO GASTAL — O Iphan-DF tem problemas que praticamente todos os organismos públicos têm ou tiveram. Temos bons técnicos aqui, mas é claro que precisa reforçar, porque ficam agitados. Aí vamos enfrentar os caminhos e descaminhos da burocracia. Quero saltar esses caminhos porque sei que tenho o apoio do presidente do Iphan (Antônio Arantes). Não vou dizer que vai ser num passe de mágica que vai ser melhorado. O Cláudio (Queiroz) já vinha tratando disso. Mas vai além da nossa capacidade, elas dependem, por exemplo, do Ministério do Planejamento, dos orçamentos, que nem sempre são o que nós desejamos.

CORREIO - O senhor acompanhou a polêmica da extinção do Conselho de Gestão de Preservação da Área Tombada de Brasília (Conpresb)?

ALFREDO GASTAL — Acho que temos que sentar e conversar, nós, o conselho e a Câmara Legislativa. O Conpresb é muito importante, mas pode ser mais importante na medida em que definirmos melhor o papel do conselho. Mas só pode crescer em importância se houver diálogo. Tenho certeza que os deputados que estiveram contra, não vão querer uma Brasília destruída, porque estariam destruindo o seu próprio símbolo. Foi um momento de devaneio errado, todos nós temos esses momentos.